

O ESTETA NA OBRA DE KIERKEGAARD: a representação literária do desespero *Inconsciente e Aespiritual*

[THE ESTHETE IN THE WORK OF KIERKEGAARD: the literary representation of *Unconscious* and *Aespiritual* despair]

Natalia Mendes Teixeira

Mestra em Filosofia e Doutoranda pela UNISINOS, Membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Kierkegaard (SOBRESKI). Bolsista CAPES/PROSUC.

(E-mail: natalia.nmt@gmail.com)

Recebido em: 04 de janeiro de 2018. Aprovado em: 31/01/2018

**O esteta na obra de Kierkegaard:
a representação literária do desespero *Inconsciente* e *Aespiritual***

TEIXEIRA, N. M.

Resumo: Kierkegaard ganhou as prateleiras da literatura mundial descrevendo, com maestria reconhecida, justamente “a forma de desespero [o *inconsciente*] mais frequente no mundo¹”. Os escritos estéticos tratam tanto de uma grande caricatura satírica e iconoclasta do homem de seu tempo - da Dinamarca e de toda a filosofia e cultura europeia do século XIX - como também de um retrato fixo, segundo sua crítica, do modo de vida mais irreflexivo que sobressalta a existência. Não obstante, isso foi pouquíssimo levado em conta e prejudicou a própria leitura hermenêutica dos seus escritos estéticos. Este trabalho intenta demonstrar, assim, como das três formas de *Desespero*, descritas por *AntiClimacus* em *The Sickness Unto Death*, a primeira e mais comum coincide exatamente com as descrições românticas do esteta. Isto nos leva à conclusão de que os textos referentes a este modo de vida tinham uma intenção teórica e filosófica ao invés de ser, como na compreensão recorrente, simples literalismo esvaziado.

Palavras-chave: Kierkegaard. Desespero. Esteta. Literatura. Filosofia.

Abstract: Kierkegaard gained the shelves of world literature by describing, with recognized mastery, just the "most frequent form of despair in the world." The aesthetic writings deal with both a great satirical and iconoclastic caricature of the man of his time - Denmark and all European philosophy and culture of the nineteenth century - as well as a fixed portrait, according to his criticism, of the most thoughtless way of life that existence. Nevertheless, this was scarcely taken into account and prejudiced the very hermeneutic reading of his aesthetic writings. This work attempts to demonstrate, therefore, how of the three forms of Despair described by *AntiClimacus* in *The Sickness Unto Death*, the first and most common coincides exactly with the romantic descriptions of the esthete. This leads us to the conclusion that the texts referring to this way of life had a philosophical intention instead of being, as in recurrent comprehension, simple literalism emptied.

Keywords: Kierkegaard. Despair. Esthete. Literature. Philosophy.

¹“This form of despair (ignorance of it) is the most common in the world” (SUD, p. 45/ SV, 157).

**O esteta na obra de Kierkegaard:
a representação literária do desespero *Inconsciente e Aespiritual*
TEIXEIRA, N. M.**

INTRODUÇÃO

A recepção e tradução das obras de Kierkegaard foi, por longas décadas, praticamente reduzida às literárias – especialmente nos países de língua de origem latina. Muitos dos textos foram também traduzidos e publicados desconectados de sua obra de origem - vide o percurso mundial de *O diário de um sedutor* ou de *In Vino Veritas*². O prejuízo disso é imensurável e invade ainda hoje a leitura que temos de Kierkegaard. Dissociar os escritos estético-literários da proposta de sua obra completa, separando o Kierkegaard literário do teórico é sustentar um entendimento fragmentário de sua proposta filosófica geral. O próprio Kierkegaard prevê e critica essa tendência em sua póstuma *O ponto de Vista explicativo da minha obra como autor*: “se um leitor compreende e julga perfeitamente a produção estética tomada isoladamente, está num erro completo a meu respeito, já que não a enquadra na totalidade da minha obra” (KIERKEGAARD, 1998, p. 24; SKS 13, 509). Isto é, a *forma* de seus escritos estava intrinsecamente ligada ao *conteúdo* e, ao invés de negá-lo, ela é pré-condição e fundamento hermenêutico deste³.

Analisando, assim, as intenções de Kierkegaard com as famosas abordagens literárias do esteta veremos que ele pinta um retrato anatomicamente detalhado do “desespero que é ignorante de ser desespero” (KIERKEGAARD, 1980, p. 45; SV, 157), isto é, que não tem consciência de estar negando seu próprio *self*. A presente análise se divide, portanto, entre: 1) uma breve exposição geral sobre as formas de *Desespero*; 2) descrição e análise de alguns dos retratos que o esteta assume nos escritos do dinamarquês; 3) acompanhada de uma posterior análise de como, na verdade, todas as manifestações estéticas expõem uma inteligente representação do desespero *Inconsciente e Aespiritual*.

AS FORMAS DE DESESPERO

O desespero é uma disfunção psicológico-ontológica que acomete o homem e o impede de ser *self* (*si mesmo*) – a existência de um, implica ausência do outro. *AntiClimacus* se refere a ele como um estado no qual se está mortalmente doente sem, contudo, estar morto e sem poder jamais morrer. Viver o desespero é ser acometido de uma doença que é *para a morte*⁴; é viver a incapacidade

² A primeira tradução portuguesa do *Diário de um Sedutor* foi feita por Mário Alenquer, publicada em 1911, não traduzida diretamente do dinamarquês e publicada fora de *Ou-Ou*. No Brasil, a obra ganhou duas publicações (coleção Os Pensadores e A Obra prima de cada autor, da *Martin Claret*) ambas também desconectadas de *Ou-Ou* que só chegou completamente à língua pela editora portuguesa *Relógio D'água*, já em 2013, e a segunda parte apenas em 2017. Em espanhol, com a primeira publicação na Madrid de 1918, segue-se o mesmo padrão. Do mesmo modo, *In Vino Veritas* foi publicada separadamente de sua obra de origem *Estádios no Caminho da Vida*, em ambas as línguas. Até hoje não temos uma versão da obra completa em português.

³ Os escritos pseudônimos e literários de Kierkegaard carregam uma intenção. Ele próprio fundamenta o uso da comunicação indireta no *Pós-escrito Conclusivo não-científico* na sessão intitulada *O pensador subjetivo existente presta atenção à dialética da comunicação* (PSI, 76-83; SKS 7, 55-62). Demonstrando a vinculação intrínseca que há entre a *forma* e o *conteúdo*.

⁴ Para aquele que está tornando-se *self*, no entanto, a morte não seria o fim, ela representaria mais esperança que qualquer vida poderia agregar. Pois, na esperança cristã, a morte física é a mais perfeita continuidade da vida, que já se fez eternizada.

**O esteta na obra de Kierkegaard:
a representação literária do desespero *Inconsciente e Aespiritual*
TEIXEIRA, N. M.**

de ser aquele que realmente se é; é a ausência de si no interior da própria vida⁵. Mas *AntiClimacus* faz uma distinção entre o desesperado que está consciente do que não está consciente de seu desespero: “desespero deve ser considerado primeiramente no interior da categoria da consciência; se o desespero é consciente ou não constitui a distinção qualitativa entre os desesperos”. Pois que há diferentes níveis de consciência que personificam diferentes formas de desespero, elas se apresentam de três maneiras: “em desespero inconsciente de ter um *self* (não é desespero no sentido estrito); em desespero que não quer ser ele mesmo; em desespero que quer ser ele mesmo”⁶ (KIERKEGAARD, 1980, p. 13; SV, 127). O primeiro, o desespero *inconsciente* de ter um *self*, acomete o esteta. Ele não tem consciência de seu próprio desespero; trata-se da forma de desespero *aespiritual* e *inconsciente* (KIERKEGAARD, 1980, p. 23; SV, 137).

O segundo e o terceiro personificam formas conscientes do desespero - podendo ser tanto aquele que *não quer ser* si mesmo como aquele que *quer ser* pela afirmação hermética de si. Um é descrito como *desespero-fraqueza*; o outro, por seu caráter de provocação à existência no qual quer ele mesmo se constituir diante dela, é o *desespero-desafio*. Este *querer* ou não *querer* pressupõem consciência do próprio estado. Mas o primeiro, o que propriamente nos interessa, é precisamente *inconsciente* de sua condição desesperada e de, em potência, ser *self*.

ANÁLISE DAS FIGURAS DO ESTETA

Os textos literários que descrevem ou são escritos pelos pseudônimos estéticos ganharam grande atenção de Kierkegaard em termos de quantidade e extensão. Elegemos os textos *Diário de um sedutor* e *O equilíbrio do ético e do estético na elaboração da personalidade*, os quais compõem a obra *Ou-Ou: um fragmento de vida*⁷, para perceber como ele apresenta esta intuição de vida. Um é escrito pelo próprio esteta, compõe os papéis de A; o outro é o pseudônimo ético dissertando sobre as variações dentro do modo de vida estético e compõe os papéis de B. Tomar de exemplo esta obra torna-se suficiente dado que ela concentra boa parte das considerações estéticas de Kierkegaard⁸.

O sedutor esteta nos papéis de A

No celebrado texto *O diário de um sedutor*, através de um diário e cartas recebidas de *Cordélia* acompanhamos a saga de erotismo e sedução vivenciada por *Johannes*, um sedutor intelectualmente determinado que deseja tomar posse absoluta da atenção de *Cordélia*. Boa parte da obra se passa

⁵ A tentativa de livrar-se dessa *autoausência* ou dessa relação de desequilíbrio por si mesmo resulta num afastar-se indefinidamente de si – e configura o *desespero-desafio*, o nível mais elevado da doença.

⁶ “In despair not to be conscious of having a self (not despair in the strict sense); in despair not to will to be oneself; in despair to will to be oneself”.

⁷ Há nesta obra um grande apelo ao jogo da comunicação indireta, uma pluralidade de pseudônimos atravessa a obra que chegam a ser simbolizados por um baile de máscaras: Kierkegaard usa o pseudônimo Victor Eremita, que encontra nos fundos da gaveta de uma escrivaninha comprada em um antiquário papéis que indicam terem sido escritos por duas pessoas distintas: chamados de A e B. A detém os escritos estéticos e B escreve os de caráter ético.

⁸ Outro texto que mereceria atenção é *In Vino Veritas* que compõe a obra *Etapas no Caminho da vida*; retrata um baquete regado a vinho com cinco estetas: O sedutor Juan; Constantino Constantinus; O Jovem, um Comerciante de Moda e Victor Eremita. Mas reiteramos que nosso objetivo cumpre-se bem com o texto aqui centralizado.

**O esteta na obra de Kierkegaard:
a representação literária do desespero *Inconsciente e Aespiritual*
TEIXEIRA, N. M.**

pela tentativa do sedutor de desesperá-la. Seu objetivo final é invadir a mente e quieta existência da seduzida levando-a ao que podemos identificar como o *desespero-fraqueza* o qual *AntiClimacus* qualifica como precisamente *feminino*.

Johannes, ao não ser *si mesmo*, ao viver a ausência de seu próprio *espírito* quer ter o mundo inteiro, quer ter a sensação momentânea de possuir emocionalmente *um outro* que não *a si*. O prazer do instante da posse do outro é valorizado acima da continuidade da posse de si no interior da própria vida. Ele vive uma busca erótica do gozo pelo gozo prendendo-se à fugacidade e lançando-se infinitamente a cada momento finito em pura euforia. Ele é seu próprio prazer. Tem em si uma exaltação da própria mente. Falta-lhe continuidade e não há estabilidade em suas ações nunca podendo, deste modo, agir interiormente. Ele vive uma submissão às contingências, está à mercê do acidental, sua volição não muda muito as intempéries da vida dado que ele não procura, como descreve Gardiner: “impor um padrão coerente à sua vida, com origem numa noção unitária de si mesmo e do que ele deveria ser, ao contrário, ele permite que o que acontece aja sobre ele e governe seu comportamento”(GARDINER, 2010, p. 54). A vida dele está entrelaçada às coisas que são desmornáveis, fugídias e contingentes. Este é seu desespero. Concorde Reichmann que a vida estética é uma vida de desespero: “todo o que vive esteticamente é um desesperado, tenha ou não consciência disso, o desespero é o último termo da concepção estética da vida” (REICHMANN, 1978, p. 125). Seu relacionamento consigo e com os outros é volátil, ele está sempre sujeito às intempéries e contraposições inerentes à vida. Ele é completamente seguro de si, carrega um hedonismo romântico e é mediado por um narcisismo que exala paulatinamente ao leitor. Ele é perseguidor incansável do prazer, jocosos, amante de si, goza pessoalmente a estética e goza esteticamente sua própria vida por isso a indeterminação de espírito.

Já *Cordélia* para ele é um objeto, um negócio a investir, um inânime manipulável, uma presa. Ela é o tipo específico de feminino que vale seduzir, aquele de alma centrada, sem muitas vivências sociais, uma mulher totalmente reservada, que o ignora como amante num primeiro olhar, contida e que não deixa revelar seus sentimentos. Alguém que poderia incorrer em doação e entrega quando sua interioridade fosse capturada exteriormente - alguém sobre quem se podia incidir um *desespero-fraqueza*. Pensativa, misteriosa, de contemplação solitária, escondida em si própria, sem ser ocupada apenas consigo própria, mas em si própria. Uma mulher que não cede às coerções sociais e não se afeta pelos outros. Portanto, pelo mistério e aspecto de desafio esta é a mulher que, para ele, vale a pena seduzir e desesperar.

Antes de seduzi-la ele a olha e já, supostamente, deseja-a, mas anseia que, primeiramente, ela se atenha lentamente a ele. Sua primeira atitude é fazer-se presença sempre invisível à mulher que quer desesperar, para então, posteriormente, fazer-se ausência sempre presente. Ele precisa garantir que o romance comece antes mesmo do despertar romântico de *Cordélia*, para assegurar que o amor dela venha continuar a existir mesmo quando o dele não mais se manifestar. Por isso, de início, ele apenas a observa, sua estratégia não inclui avançar sobre o feminino um estilo galanteador, ele se limita a aflorar a periferia de sua existência. Causar nela diversas sensações antes de causar qualquer erotismo ou paixão. Ela é como uma presa e é necessário se preparar para o ataque final. Isso inclui observar seus pontos fracos, para elaborar as ações posteriores. O passo seguinte meticulosamente calculado inclui fazer-se presença notada, ao tratar a mulher como um ser infantilizado construindo, assim, um terreno seguro no qual ele pode neutralizar a principal arma dela: a feminilidade - através da qual ela exerceria algum controle sobre ele. O sedutor esconde que essa arma já o alcançou, mas jamais cederia a ela. A tentativa de afirmação da superioridade de seu *espírito*, que na realidade não existe, é superior a qualquer possível doação e entrega de si a um outro. De noite a deseja e de dia dissimula, irrita-a e a diminui como mulher. Entende que apenas ao desarmá-la de seu autocentramento tem o poder de conquistá-la sem correr riscos de que ela o

**O esteta na obra de Kierkegaard:
a representação literária do desespero *Inconsciente e Aespiritual*
TEIXEIRA, N. M.**

domine primeiro. Neste passo, não há espaço para erotismo. Ele se mostra excêntrico, superior, ignorando-a mesmo quando fala diretamente a ela. Então, pouco a pouco, a indiferença dele faz com que sua presença não seja indiferente a ela. Ele faz nascer nela múltiplas sensações.

Por fim, ele insere a seduzida, antes aparentemente dona e certa de si, no paroxismo da paixão, tornando-a desapegada de sua interioridade e completamente envolta pelo sentimento nela criado. Ele passa a dar maiores sinais de suas intenções, avança um pouco mais sobre ela, ao tempo que não dá nenhum sinal completo de que a deseja. Assim, ele começa a seduzi-la pela indiferença; depois passa a uma aproximação sutil; chega a parecer confessar posteriormente seu amor; mas a deixa absolutamente confusa. Diz Álvaro Valls que ao sedutor não interessa possuí-la no sentido vulgar, o que importa é fruí-la artisticamente (VALLS, 2000, p. 53-57).

A artimanha do sedutor é deixá-la numa situação de dependência existencial, fragilidade, levá-la ao extremo desespero, perda de si. Pois, quando *Cordélia* perde o noivo, ela obtém necessariamente uma perda de si mesma, porque havia passado a entender que só existia por meio do significado que ele inseriu à sua existência. Por isso, ele escolhe justamente aquela mulher que parece deter a si mesma. O objetivo, portanto, não era apenas entrar silenciosamente na vida e na mente da moça, seduzi-la, tornar-se de observador a observado, de motivo de irritação a objeto desejado; mas, sim, poder sair de cena de forma brusca, quando esta já lhe estivesse totalmente entregue em desespero e doação.

Johannes, o esteta, seduz subjuga e manipula as pessoas ao seu redor porque lhe falta determinação do *espírito*. Ele é um desesperado inconsciente, distante de si, que usa as pessoas como meios para atingir seus objetivos. Ele desespera de infinito por excesso de finitude, desespera de eternidade por excesso de temporalidade, desespera de necessidade por só buscar o possível. Ele é, assim, incapaz de realizar a *Síntese*, constituir-se a si próprio como *espírito* e repousar no *Fundamento*. Afirma ostensivamente seu próprio *espírito*, mas vive, na verdade, na mais completa nulidade dele.

O ético analisando as variáveis estéticas nos papéis de B

O *Juíz Wilbriam* escrevendo ao seu amigo esteta n’*O equilíbrio do ético e do estético na elaboração da personalidade* expõe uma variedade de tipos estéticos que demonstram cada um ser a: “representação da significação da vida e da sua respectiva finalidade” (KIERKEGAARD, 2017, p. 191; SKS 2, 174). A unidade comum de todas as variáveis estéticas expostas é o *desfrute*. Ele se apresenta de duas formas: “desfrutar a vida põe sempre uma condição que se encontra fora do indivíduo” (KIERKEGAARD, 2017, p. 193-94; SKS 2, 176-77) ou “no indivíduo de modo a não ser posta por intermédio do próprio indivíduo” (KIERKEGAARD, 2017, p. 193-94; SKS 2, 176-77). Isto é, o *desfrute* encontra-se, de qualquer forma, sempre fundado em determinações exteriores. Disso deriva a indeterminação de *espírito* ou *aespiritualidade*.

Todos estes estádios dentro do estético tem “uma semelhança essencial: o espírito não está determinado como espírito, mas sim determinado imediatamente” (KIERKEGAARD, 2017, p. 193-94; SKS 2, 176-77), pois que a intuição de vida não é posta por eles e deles independe. Intuições de vida não reflexivas, mas determinadas imediatamente não podem fazer repousar o *espírito*. As diferenças entre os estádios variam da “perfeita ausência de espírito” ao “mais elevado grau de espiritualidade” (KIERKEGAARD, 2017, p. 191; SKS 2, 174) onde, no entanto, ainda assim “o

**O esteta na obra de Kierkegaard:
a representação literária do desespero *Inconsciente e Aespiritual*
TEIXEIRA, N. M.**

espírito não está, todavia, determinado como espírito” (KIERKEGAARD, 2017, p. 191; SKS 2, 174). O esteta é aqui, também, descrito a partir de sua *aespiritualidade*.

Os tipos podem tanto construir sua intuição de vida sobre algo singular quanto sobre aquilo que em si mesmo é múltiplice. Aqui está a radical diferença entre as variáveis estéticas. Na primeira forma de intuição, a que se constrói sobre algo singular, há distintos tipos estéticos. O primeiro, de alto nível de imediatidade, não é “determinado espiritualmente, mas sim fisicamente” (KIERKEGAARD, 2017, p. 193; SKS 2, 176) pois tem a saúde e a beleza como o bem perfeito. Mas são bens frágeis para sustentar toda uma intuição de vida⁹. Neste caso, a condição se encontra no indivíduo, mas não é posta por ele, pois a condição e o controle estão dados externamente. Outra, a que se alicerça na paixão é sempre personificada nos escritos de SK pelo feminino: “uma jovem para quem nada, nada no céu ou na terra, [tenha] significação exceto ele” (KIERKEGAARD, 2017, p. 194; SKS 2, 177). Esta, outra vez, é uma intuição cuja condição está colocada fora do indivíduo e dele independe. Uma última corporificação que se alicerça em algo singular e, neste caso, cuja condição está no próprio indivíduo, mas de tal forma que não é posta por ele próprio, é aquela “determinada como talento prático, mercantil, poético, matemático, filosófico [...] a satisfação da vida e o desfrute buscam-se no desdobramento deste talento” (KIERKEGAARD, 2017, p. 195; SKS 2, 178). Mesmo que não o tenha apenas na imediatidade, mas o cultive de todas as maneiras, ainda assim “a condição para ter satisfação na vida é o próprio talento” (KIERKEGAARD, 2017, p. 195; SKS 2, 178). O que ocorre aqui é que o talento, o dom que a ele foi dado de forma exterior se torna o fundamento último e conteúdo essencial de sua vida, ele vive o *desfrute* do seu próprio dom e isso também é indeterminação de *espírito*.

As variáveis de intuições que derivam de algo múltiplice manifestam-se, por outro lado, num desejo pela multiplicidade de possibilidades de *desfrute*. Nisto ingressa um aspecto reflexivo dado que a vida não se manifesta de uma única forma e por um único conteúdo ela “se fragmenta numa multiplicidade ilimitada” (KIERKEGAARD, 2017, p. 195; SKS 2, 178). Mas a feição reflexiva não é suficiente para determinar o verdadeiro *espírito*: “é fácil ver que se situa na esfera da reflexão; no entanto, esta reflexão continua afinal a ser apenas uma *reflexão finita* e a personalidade permanece na sua *imediaticidade*, [pois] no próprio desejo o indivíduo é imediato [...] porque está no momento” (KIERKEGAARD, 2017, p. 195, grifo nosso; SKS 2, 179). Sem reflexão genuína não há, portanto outra vez, *espírito*.

O *Juiç* usa dois exemplos para expor essa manifestação: do imperador romano Nero; e do próprio esteta a quem escreve¹⁰. O caso do imperador é bem peculiar porque sua intuição de caráter múltiplice o faz ter *desfrute* tanto no prazer como na melancolia. Os dois não se excluem. O esgotamento do prazer leva à melancolia. Tendo um império ao favor do seu prazer a “essência de Nero era a melancolia” (KIERKEGAARD, 2017, p. 196; SKS 2, 180). Mesmo à busca da satisfação dos desejos ele era melancolia pois que tudo que se pode imaginar possível de desfrutar ele já havia feito e esgotado. Só no instante do prazer encontrava repouso e, por isso, “no mais íntimo do seu ser [ele era] angústia¹¹”. Nesse movimento dinâmico desesperado entre prazer/melancolia/angústia, o *Juiç* assim descreve Nero:

⁹ Embora o próprio remetente pareça reconhecer que há um papel para a beleza no desenvolvimento ético do homem: (KIERKEGAARD, 2017, p. 273-277).

¹⁰ Usa ainda o caso dos epicuristas, hedonistas e cínicos gregos. Nos restringiremos a expor estes dois.

¹¹ Mesmo no *Conceito de Angústia* e nos *Diapsalmata*, Kierkegaard atrela, em alguns momentos, a melancolia a um nível particular da Angústia.

**O esteta na obra de Kierkegaard:
a representação literária do desespero *Inconsciente e Aespiritual*
TEIXEIRA, N. M.**

Só se tranquiliza quando o mundo estremece diante dele (...) só no instante do prazer encontra diversão. Manda incendiar metade de Roma, mas o seu tormento é o mesmo. Em breve, nem isso o diverte. Há ainda um prazer superior; quer angustiar os homens. É um enigma para si mesmo e o seu ser é angústia; quer agora ser um enigma para todos e deleitar-se com a angústia dos outros [...] esta angústia o diverte. A alma está extenuada, ditos espirituosos vez ou outra restabelecem o espírito, mas esgotou o que o mundo tem; e, contudo, não pode respirar se aquele emudecer (KIERKEGAARD, 2017, p. 198-99; SKS 2, 181-83).

Nero é exemplo de quem tem condições exteriores de realizar a dinamicidade dos desejos estéticos e sofre de igual insatisfação se comparado àquele que deseja e não pode realizar. Seu *espírito* está determinado na imediatidade, pois que mesmo a reflexão é melancolia. Então ele analisa o segundo exemplo de intuição múltipla, o esteta destinatário: “agora chegou tua vez” (KIERKEGAARD, 2017, p. 202; SKS 2, 188). Trata-se da intuição de vida mais requintada e fina e que passaria exteriormente por uma personalidade ética com maestria: “és capaz de conviver tranquilamente com tudo aquilo que acima desenvolví” (KIERKEGAARD, 2017, p. 202; SKS 2, 188) por ter todos os movimentos estéticos no interior da própria vida “fortuna, independência, uma saúde inabalável, o espírito ainda exuberante” (KIERKEGAARD, 2017, p. 204; SKS 2, 188). Assim, ele resguarda uma bricolagem de aspectos das intuições anteriores: um pouco de Nero, do sedutor, do desespero viril, desfruta de beleza e saúde.

Consideramos que há três aspectos essenciais nesta intuição: ele vive do trabalho à insolência; do esgotamento do prazer até o limite da melancolia desesperada; e um profundo niilismo que se estende a uma condição psicofísica de debilidade. Sobre o primeiro aspecto, o *Juíz* diz: “sua vida transita entre dois desmedidos contrários: umas vezes tens uma energia incomensurável, e outras vezes tens uma insolência igualmente grande” (KIERKEGAARD, 2017, p. 204; SKS 2, 188), esta condição psicofísica do esteta expressa também seu niilismo:

não sentes atração por nada, nada desejas [...] o que te ocorre é que nada de finito, nem o mundo inteiro é capaz de satisfazer a alma do homem que sinta necessidade do eterno [...] nada há que te divirta, todo o prazer do mundo nenhuma significação contém para ti [...] prazer não te tenta, és como um parturiente; e contudo, reténs sempre o instante, permanecendo sempre na dor (KIERKEGAARD, 2017, p. 212-214; SKS 2, 196-198).

Percebemos que uma sintomática melancolia se une a um tipo de falta de vontade e a um niilismo como uma disposição fisiopsíquica: “tu nem sequer aceitas como muitos médicos que a melancolia seja do domínio do corpóreo e, o que ainda é mais curioso, que os médicos, apesar disso, não sejam capazes de a anular; só o espírito a pode anular já que se encontra no espírito” (KIERKEGAARD, 2017, p. 200-201; SKS 2, 184). Sua condição psíquica e física é, na verdade, sintoma corporificado de sua *aespiritualidade*. Insolência, melancolia pelo esgotamento do prazer, niilismo, debilidade psicofísica são expressões do desespero *aespiritual* deste esteta.

Mas a admoestação do *Juíz* é para que seu amigo remetente busque exatamente no *Desespero* sua cura: “que tenho a dizer disso? “desespera!” (KIERKEGAARD, 2017, p. 216; SKS 2, 200), pois “o poder do desespero devorará tudo até que se encontre a si mesmo na sua eterna validade [...] não entorpecerás o espírito ou negligenciará a formação que está acontecendo; se lançará no

**O esteta na obra de Kierkegaard:
a representação literária do desespero *Inconsciente e Aespiritual*
TEIXEIRA, N. M.**

mar do desespero até encontrar o absoluto” (KIERKEGAARD, 2017, p. 216-218; SKS 2, 200-202). O desenvolvimento do *espírito* passa, assim, pelo desespero absoluto, mas o desespero de que padece o esteta impede-o de entender como desesperada sua própria condição. I.é, é aquele no qual “a ignorância de sua própria presença é o caráter específico do seu desespero” (KIERKEGAARD, 1980, p. 45; SV, 157) é o desespero que é ignorante de ser desespero, é a ignorância desesperadora de não ter *self* (KIERKEGAARD, 1980, p. 42-47; SV, p. 155-159). Ele está simultaneamente no desespero e no engano de não o estar e, portanto, está também na ignorância de si mesmo. Esta ignorância é a *aespiritualidade*. Por isso, a resolução está no desespero completo, só ele desenvolverá o *espírito*.

O DESESPERO ESTÉTICO: *INCONSCIENTE E AESPIRITUAL*

O que se observa, assim, nos diferentes estádios que ele descreve - saúde, riqueza, amor, Nero, do sedutor - é que todas elas são desespero inconsciente de ser espírito:

Cada existência humana que não é consciente de si como espírito ou cujo eu interior não tomou em Deus consciência de si mesmo, toda existência humana que não descansa transparentemente em Deus, mas que, vagamente, recai e se funde em alguma universalidade abstrata [...] toda existência desse gênero, realize o que realizar de mais extraordinário, explique o que explicar, até toda a existência, *por mais intensa que ela desfrute da vida esteticamente - toda essa existência é, no entanto, desespero* (KIERKEGAARD, 1980, p. 46, grifo nosso; SV, 159).

O desespero do esteta é, portanto, o de primeiro grau por ser inconsciente e *aespiritual*. Quanto maior o grau de inconsciência, menor o grau de desespero. Kierkegaard chega até a dizer que não é propriamente desespero é apenas ausência ou estagnação de *espírito*, mas logo apontando esta como a forma de desespero mais comum no mundo: aquela que menos aparenta ser desespero. O que ocorre é que quanto mais consciência, mais desespero o indivíduo percebe em si (KIERKEGAARD, 1980, p. 44; SV, 157); quanto mais desespero inconsciente, mais distante dessa percepção, e quanto mais consciente, mais próximo de se apropriar do *self* e formar seu *espírito* através do desespero absoluto.

Comparado ao desesperado consciente, o não consciente está afastado do *self* por mais um passo negativo (KIERKEGAARD, 1980, p. 43; SV, 156), dado que o desespero é uma negação de si, e a ignorância é outra. Isto o torna mais distante de seu próprio *self* e da ciência de seu próprio desespero. Apenas quando as ilusões que o preenchem desvanecem: “quando o encantamento das ilusões acaba, quando a existência começa a vacilar, o desespero, também, imediatamente aparece como aquilo que estava oculto^{12c}” (KIERKEGAARD, 1980, p. 44; SV, 156), então ele pode passar a alcançar um nível diferente da consciência de seu estado. Apenas ao se esvaziar do mundo criado pela sua mente, o desespero alcança outro grau de percepção do seu estado. São as ilusões criadas

^{12c}“When the enchantment of illusion is over, when existence begins to totter, then despair, too, immediately appears as that which lay underneath”.

**O esteta na obra de Kierkegaard:
a representação literária do desespero *Inconsciente e Aespiritual*
TEIXEIRA, N. M.**

à sua volta que mantêm o esteta na ignorância de seu próprio desespero e na sua relação com o *desfrute*.

AntiClimacus em diálogo com *Haufniensis* faz um paralelo entre a vida esteta e a vida pagã. *Haufniensis* demarca o paganismo¹³ como ausência de *espírito* e a *aespiritualidade* do esteta como um estado de estagnação do espírito, insipidez espiritual. Ele chega, assim, a preferir o paganismo à aespiritualidade (KIERKEGAARD, 2015, p. 103; SKS 4, 365) - porque nele, ainda que para o objeto errado, há *pathos*. Ainda que o paganismo também seja sensualidade, uma sensualidade que se relaciona com o espírito que não é propriamente o *espírito* - pois aos pagãos falta a compreensão do próprio *self*¹⁴. Assim, ainda que orientado para o *espírito*, o pagão, que é um esteta de qualquer forma, carece dele. Esta é a “falta de espírito no sentido mais estrito¹⁵” (KIERKEGAARD, 1980, p.47; SV, 158).

No caso do esteta, há uma falsa segurança de *espírito*. Por isso, na aespiritualidade aparenta-se não haver desespero ou angústia pois que se está: “por demais feliz, e por demais contente, por demais carente de espírito” (KIERKEGAARD, 2015, p. 102; SKS 4, 365). Por isso mesmo, qualquer afirmação de seu próprio *espírito* é apenas afirmação do nada no qual ele está, em inconsciência, emaranhado. Há, no limite, um suposto espírito que é mais exterioridade que *espírito* e, por isso mesmo, não o é, pois: “a falta de espírito possui uma relação com o espírito a qual nada é” (KIERKEGAARD, 2015, p. 101-102; SKS 4, 364). Aliás, eles sequer têm a menor ideia de poder ser espírito, diz *AntiClimacus*: “eles geralmente têm uma concepção muito escassa deles mesmos, ora, isto é, eles não têm nenhuma concepção de ser espírito, o absoluto de que o ser humano pode ser¹⁶” (KIERKEGAARD, 1980, p. 43; SV, 155). O que ocorre também é que as intuições estéticas, enredadas com o *desfrute*, vivem imersas numa vida volúpia a ponto de não terem “a coragem de se aventurar e suportar ser espírito¹⁷” (KIERKEGAARD, 1980, p. 43; SV, 155).

CONCLUSÃO

Os escritos estéticos da Obra de Kierkegaard são riquíssimos em variações. Expusemo-los aqui tanto a partir da concepção do esteta quanto a partir da visão ética do *Juíz*. Por mais que outros níveis estéticos possam corporificar outros graus de desespero, em generalidade, os aqui expostos são claramente identificáveis com o desespero que se ignora como *espírito* e como *self* por ser inconsciente da sua própria condição desesperada. Isto nos mostra que dentre as intenções de Kierkegaard com a literatura estética está a clara preocupação de expor a condição existencial e desesperada desse modo de vida, ao invés de fazer descrições literárias sem uma intencionalidade teórica. Os escritos literários-estéticos ressoam o nervo central filosófico de sua obra.

¹³ Entendo que a referência de Kierkegaard ao pagão (do latim *Paganus*, quer dizer caponês e, no uso comum, refere-se a todo não monoteísta, que se volta a vários deuses) é para se referir a todo não cristão, e não apenas aos politeístas, isto é, todo aquele cujo fundamento do pensamento está vincado na imanência.

¹⁴ Por isso, Kierkegaard menciona o caso do suicídio como a maior revolta contra o espírito e contra Deus, por ser uma evasão da própria vida, mas que os pagãos naturalizaram.

¹⁵ “Is spiritlessness in the strictest sense”.

¹⁶ “They usually have a very meager conception of themselves nevertheless, that is, they have no conception of being spirit, the absolute that a human being can be”.

¹⁷ “To have the courage to venture out and to endure being spirit”.

**O esteta na obra de Kierkegaard:
a representação literária do desespero *Inconsciente e Aespiritual*
TEIXEIRA, N. M.**

O desespero-estético fundamenta-se na insipidez ou nulidade espiritual. Ele atravessa esta forma de vida por estar inteiramente fundada em determinações exteriores. O *desfrute* - que se expressa de todas as formas aqui descritas - é a categoria da *imediatez* - i.é, daquilo que é dado sem mediação reflexiva - e nela o *espírito* não se desenvolve. Ele só se fundamenta numa relação de *reflexão* com a própria condição e como resultado da *Síntese* de corpo e alma (*psique*) - exposta por *AntiClimacus*.

REFERÊNCIAS

GARDINER, P. **Kierkegaard**. Trad. Antônio Carlos Vilela. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

KIERKEGAARD, S. A. **O Conceito de Angústia**. Trad. Alvaro L. M. Valls. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. **Ou Ou**: fragmento de vida. Vol I, Trad. Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água: 2013

_____. **Ou Ou**: fragmento de vida. Vol II, Trad. Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água: 2017.

_____. **The Sickness unto Death**. Tradução de Howard V. Hong e Edna H. Hong. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1980.

_____. **The Point of View**. Tradução de Howard V. Hong e Edna H. Hong. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1998. *KW* vol. 22.

REICHMANN, E. **Textos Selecionados**. Curitiba, UFPR, 1971.

VALLS, A. **Entre Sócrates e Cristo**: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.